

DIÁLOGO LINGUÍSTICO

Ocidente e Oriente

ORGANIZADORAS

- Alice Joko • Rita de Cássia Soares
- Vera Augusto • Yuko Takano

lters Student Center
Académie des Lettres
Cion Estudiantil de Letras
to Acadêmico de Letras
文学 學術
センター



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia

EDITORA



UnB



Universidade de Brasília

Reitora
Vice-Reitor

Márcia Abrahão Moura
Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora

Germana Henriques Pereira

Conselho editorial

Germana Henriques Pereira (Presidente)
Fernando César Lima Leite
Ana Flávia Magalhães Pinto
César Lignelli
Flávia Millena Biroli Tokarski
Liliane de Almeida Maia
Maria Lidia Bueno Fernandes
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcante
Sely Maria de Souza Costa
Wilsa Maria Ramos



DIÁLOGO LINGUÍSTICO

Ocidente e Oriente

ORGANIZADORAS

Alice Tamie Joko

Rita de Cássia da Silva Soares

Vera Lúcia Dias dos Santos Augusto

Yuko Takano



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia

Coordenadora de produção editorial

Revisão

Diagramação

Foto de capa

Equipe editorial

Marília Carolina de Moraes Florindo

Alice Tamie Joko, Rita de Cássia Soares,
Vera Lúcia Augusto e Yuko Takano

Laissa Reis

René Strehler

© 2021 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília

SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,
2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF

Telefone: (61) 3035-4200

Site: www.editora.unb.br

E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte
desta publicação poderá ser armazenada ou
reproduzida por qualquer meio sem a autorização
por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília
Heloiza Faustino dos Santos - CRB 1/1913

D536

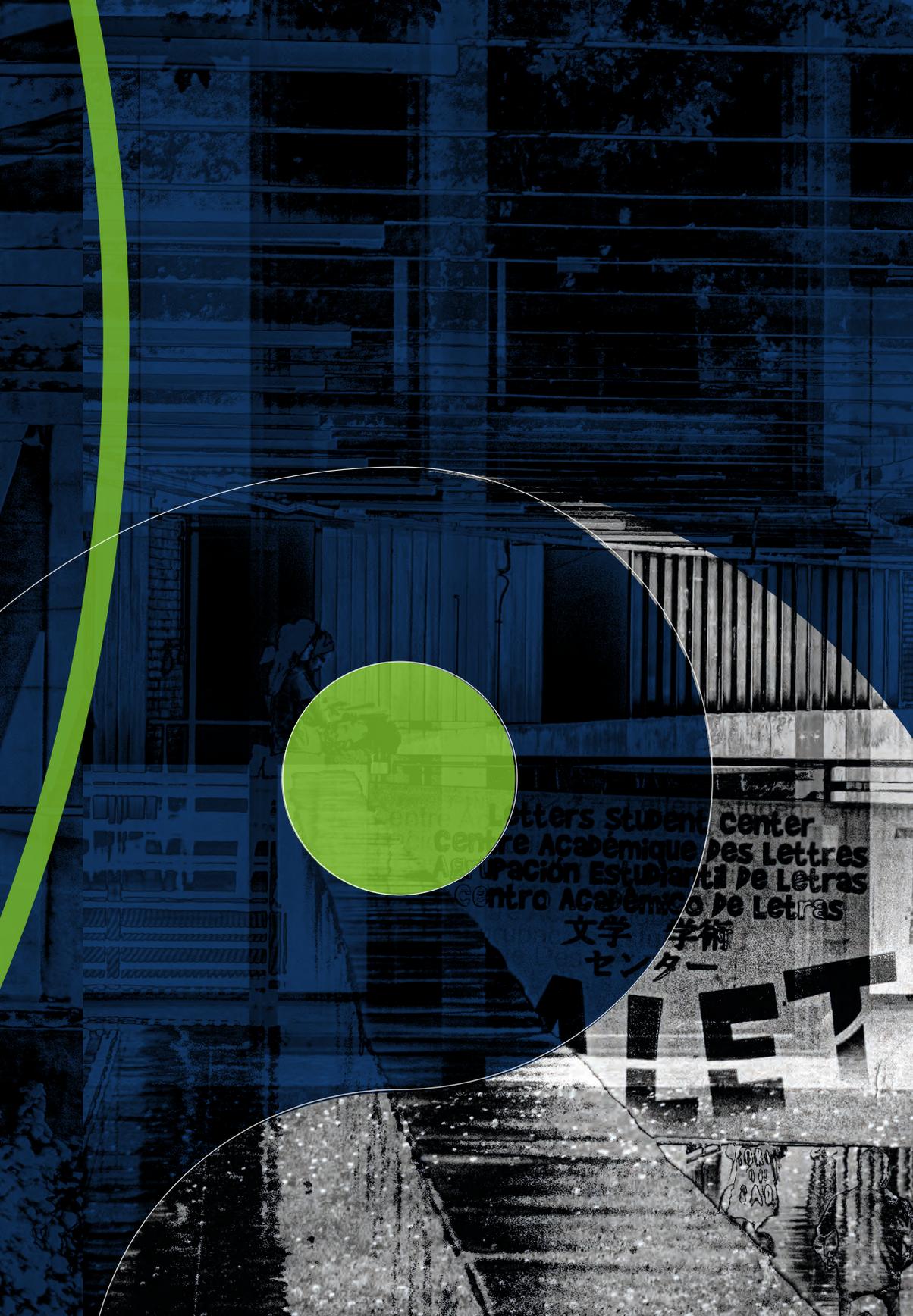
Diálogo linguístico : Ocidente e Oriente / organizadoras, Alice
Tamie Joko ... [et al.]. – Brasília : Editora Universidade de
Brasília, 2021.

368 p. ; 23 cm. – (Pesquisa, inovação & ousadia).

ISBN 978-65-5846-143-2

1. Sociogeolinguística. 2. Língua japonesa - Estudo e ensino.
3. Língua portuguesa - Estudo e ensino. I. Joko, Alice Tamie
(org.). II. Série.

CDU 81'28



Lettres Student Center
Centre Académique des Lettres
Asociación Estudiantil de Letras
Centro Académico de Letras
文学 学術
センター

1151

SOCIÉTÉ
D'ÉTUDES
DE LA
SAO

SUMÁRIO

Apresentação _____ 11

PARTE I - OCIDENTE

**Mapeamento geossociolinguístico da vogal média posterior
pretônica /o/ no Estado de Rondônia** _____ 25

Abdelhak Razky (UnB)
Diego Coimbra (UFPA)

**Contribuições da sociogeolinguística para o ensino de língua
portuguesa: propostas de intervenção para a educação básica** _53

Adriana Cristina Cristianini (UFU)



Crenças e atitudes: vencendo o preconceito e construindo empatia linguística_____73

Clézio Roberto GONÇALVES (UFOP/CNPq)
Josane Moreira de OLIVEIRA (UEFS/UFBA)

Amuleto, figa, patuá...: um estudo de sociogeolinguística_____95

Irenilde Pereira dos Santos (USP)

Tagarela, falador e papagaio: linguagem e interação nas variações do português_____115

Rita de Cássia da Silva Soares (USP e FAG)

Escolhas lexicais e ensino de línguas: anseios e possibilidades____139

Selma Sueli Santos Guimarães (UFU)

Um estudo geolinguístico no Estado de Goiás_____161

Vera Lúcia Dias dos Santos Augusto (UNICALDAS e IFMT)

PARTE II - ORIENTE

O uso de línguas pela primeira geração de imigrantes okinawanos na Casa Verde em São Paulo e as suas questões linguísticas_____179

Eduardo Nakama (UnB)
Yûki Mukai (UnB)

Uma nova abordagem de ensino do curso de japonês no Centro Interescolar de Línguas (CIL) de Sobradinho – CILSOB – percepções de um professor sobre o processo_____219

Geanne Alves de Abreu Morato (SEEDF)
Hélder Gomes Rodrigues (SEEDF)

(Im)polidez, saudações e formas de tratamento: dificuldades de aprendizagens de português LE_____261

Kazue Saito M. Barros (UFPE/CNPq)
Alice Tamie Joko (UnB)
Ricardo Rios Barreto Filho (UFPE)

TCC do Curso de Licenciatura em Japonês: um olhar no passado e reflexões_____283

Kyoko Sekino (UnB)

O nordeste asiático como área de convergência linguística: a língua japonesa em seu contexto regional_____315

Marcus Tanaka de Lira (LET/UnB)

Diálogos possíveis: áreas que se convergem para os estudos do falar nipo-brasiliense_____337

Yuko Takano (UnB)

Posfácio_____361

Os Autores_____363



PARTE I - OCIDENTE





TAGARELA, FALADOR E PAPAGAIO: LINGUAGEM E INTERAÇÃO NAS VARIAÇÕES DO PORTUGUÊS

Rita de Cássia da Silva Soares (USP e FAG)

Assim, a polissemia e a contradição estão intrinsecamente ligadas à descrição linguística.” (Teun A. Van Dijk, 2012)

1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que não exista tarefa mais importante ao professor de Língua Portuguesa do que conduzir os alunos a compreenderem a língua natural como um fenômeno heterogêneo e variável no tempo e no espaço. Isso promove a desmistificação do uso da língua como algo estático e sem evolução, pois a variedade linguística dos sujeitos da região da grande São Paulo e os fatores sociais, culturais e discursivos que influenciam essa variação, bem como essa variedade podem servir para o ensino de Língua Portuguesa de modo mais plural e menos preconceituoso.

A linguagem é instrumento de persuasão e de argumentação. Esses sujeitos que foram entrevistados pertencem a uma comunidade linguística, a linguagem desses sujeitos reflete e refrata suas preferências, escolhas, opiniões, crenças, valores, ideologias sobre um determinado assunto ou objeto. Eles, também, recorrem a uma memória discursiva, que faz parte do interdiscurso. As variações realizam-se influenciadas por aspectos de ordem diversa, entre eles, o espaço geográfico pode orientar o modo como um objeto será nomeado.

Crê-se que a linguagem não serve apenas para transmitir informação, mas, principalmente, para influenciar, seduzir, emocionar, suscitar estados de alma ou paixões e provocar uma ação, pois a linguagem não é um fenômeno isolado. Assim pretende-se demonstrar a criatividade e a variação linguística dos sujeitos da região da grande São Paulo. Os exemplos foram retirados do Atlas Semântico-Lexical da Região Norte do Alto Tietê (ReNAT) - São Paulo (2012). Esse foi desenvolvido em cinco municípios do Estado de São Paulo, Brasil.

Espera-se que esse trabalho apresente, em linhas gerais, algumas tendências e perspectivas desses estudos na atualidade e, dessa forma, almeja-se contribuir para uma reflexão no que se refere ao desenvolvimento de materiais e metodologias pedagógicas que auxiliem no ensino-aprendizagem das variantes encontradas no falar dos brasileiros, sobretudo nas aulas de ensino de Língua Portuguesa.

A fundamentação teórica segue os preceitos teóricos das linhas de pesquisas as quais se apresentam para o estudo e aperfeiçoamento dos aspectos intra e extralinguísticos. Assim, a partir da variação linguística, imanente a qualquer língua natural, será possível apresentar um arcabouço teórico que suporte e embase as pesquisas realizadas e ou desenvolvidas na área.

2. AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

As variações diatópicas têm sido objeto de estudos científicos na área da Dialetoлогия e da Geolinguística, sobretudo na elaboração de atlas linguístico. Para a análise dos itens lexicais, utilizou-se os conceitos de Coseriu (1982) sobre os três níveis de atualização da língua: sistema, norma e fala, bem como os estudos em Sociogeolinguística desenvolvidos por Santos (2012).

Toda comunidade comporta características e especificidades linguísticas, denotando a identidade histórica e cultural dos sujeitos que se desenvolve sobretudo nos momentos de interação, por isso também recorreu-se à Sociolinguística Interacional de Blom e Gumperz (2002). Com a análise de um Atlas Semântico-Lexical, mostrar-se-á que os itens lexicais proferidos pelos sujeitos são selecionados a partir do conhecimento de mundo enraigado na memória discursiva desses sujeitos. São, portanto, informações adquiridas no seio da comunidade linguística na qual estão inseridos; isso decorre de um processo natural e constante de interação social, histórica e linguística.

Estudos que visam a um conhecimento mais específico das variações linguísticas e a uma aproximação com os integrantes dos variados grupos sociais têm permitido que se obtenha um considerável volume de dados a serem utilizados, entre outros, por estudiosos da área da educação para aprimoramento de seus conhecimentos e de suas práticas dentro da realidade linguística reveste o falar do Português Brasileiro. Em relação ao ensino de Língua Portuguesa, várias são as passagens nos documentos oficiais norteadores da educação brasileira a enfatizarem a importância dos educandos conhecerem e valorizarem a pluralidade do patrimônio sociocultural e linguístico de nossa nação.

No texto introdutório dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), propõe-se que as escolas organizem o ensino para que os alunos saibam “refletir sobre os fenômenos da linguagem, particularmente os que tocam a questão da variedade linguística, combatendo a estigmatização, discriminação e preconceitos relativos ao uso da língua”.

Nos PCN afirma-se que:

Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala.

Esses excertos dos PCN são exemplos das diversas passagens que explicitam a impossibilidade de um ensino que desconsidere a multiplicidade cultural como característica marcante em nosso País, por isso acredita-se que pesquisas nas áreas da Linguística e da Educação, em especial aqueles que enfocam o aspecto lexical da língua e as possibilidades de sua aplicabilidade possam contribuir para o ensino de Língua Portuguesa.

É de conhecimento de todos que uma língua natural não se atém a um sistema de signos e leis combinatórias, cujo desígnio único é a comunicação. Verdadeiramente, uma língua natural se estabelece principalmente como meio do qual se servem os membros de grupos sociais, em suas relações interacionais.

Os sujeitos de uma comunidade linguística precisam dominar a linguagem para ter uma participação ativa na sociedade.

3. O CORPUS, A METODOLOGIA E A INTERAÇÃO

A Língua Portuguesa é uma das cinco línguas mais faladas no mundo. No Brasil, apesar de se falar, oficialmente, apenas uma língua oral, verifica-se uma grande diversidade linguística ao observar o território. Todos os sujeitos, desde o nascimento, aprendem naturalmente a língua, em contato com a família e com o grupo social no qual está inserido.

Ao fazer uso da língua, o sujeito faz escolhas dentre os saberes que têm sobre a língua, sobre o assunto, sobre o interlocutor. A diversidade, contudo, não prejudica o caráter de unidade da língua, ou seja, pode-se

dizer que, apesar de ser a mesma, a língua apresenta variações de região para região, de pessoa para pessoa, dependendo da formalidade entre os falantes, da faixa etária, da classe social, do grau de escolaridade, do gênero, das profissões, dos círculos sociais. Além da variação de aspecto semântico-lexical, ou seja, da escolha lexical feita pelo sujeito para nomear a realidade à sua volta, a diversidade também se expressa nos aspectos fonético-fonológico, morfossintático e discursivo.

No que se refere a essa temática, os documentos oficiais de diretrizes da educação brasileira, entre eles os PCN, orientam as escolas a organizarem atividades de ensino que levem os alunos a “refletir sobre os fenômenos da linguagem, particularmente os que tocam a questão da variedade linguística, combatendo a estigmatização, discriminação e preconceitos relativos ao uso da língua”.

Estudos linguísticos e observações no contexto escolar fornecem subsídios para uma melhor interpretação do caráter multidialetal da língua e para o aprimoramento do ensino-aprendizagem. Acredita-se que cabe ao professor de língua materna o papel principal no que se refere ao ensino das variações linguísticas. Esse sujeito torna-se responsável nesse processo de ensino-aprendizagem sobretudo quando, de maneira consciente, leciona para a diminuição do preconceito linguístico.

Os atlas semântico-lexicais regionais fornecem um repositório de itens lexicais relevantes que pode subsidiar os docentes de Língua Portuguesa, sobretudo da Educação Básica.

O atlas semântico-lexical, que serviu de aporte para esse trabalho, foi elaborado por meio de pesquisa acurada em cidades/pontos que pertencem à RMSP, localidades muito populosas do estado de São Paulo. De modo breve, descrever-se-á como o atlas foi produzido.

A coleta de informações para o atlas foi feita *in loco*, o pesquisador ouviu e registrou o falar apresentado nas respostas, denotando a realidade linguística dos sujeitos de cinco municípios. Para essa elaboração, seguiu-se as orientações da Geolinguística, constituída pela utilização e aplicação de um questionário a um grupo de sujeitos com características específicas, numa rede de pontos, em que os resultados são apresentados em gráficos, tabelas e cartogramas associados a uma interpretação das

variáveis sociais, quais sejam, gênero, faixa etária e escolaridade. Essas foram tomadas da Sociolinguística e foram utilizadas para balizar e validar os resultados quantitativos.

A Geolinguística é composta por quatro etapas metodológicas, são elas: o estudo da região, a coleta do material, que se realiza mediante pesquisa; o registro do material em cartogramas, o estudo e a interpretação desse material. A descrição dos dados fundamentou-se na teoria da Linguística Estatística de Muller (1968), sobretudo quando o autor se refere às noções de frequência absoluta e relativa. Assim, a partir dessas noções pode-se construir os gráficos e as tabelas para apresentar os resultados.

Para a determinação da rede de pontos e do número de sujeitos da pesquisa, teve-se que considerar alguns fatores, tais como: a extensão territorial, a densidade demográfica e as características dos municípios.

Ao estudar a história dos cinco municípios, verificou-se que uns eram estritamente urbanos, outros rurais e ainda havia um, Guarulhos, que se constituía de duas zonas: rural e urbana. Questionou-se quantos pontos comporiam a rede e se essa conteria uma quantidade ideal para a pesquisa. Nogueira e Isquerdo (*apud* AGUILERA, 2005, p.243) relatam que

No projeto de um atlas linguístico, a escolha da rede de localidades onde se realizam os inquéritos reveste-se de grande responsabilidade para os investigadores, pois, da seleção adequada dos pontos de inquérito dependerá boa parte do êxito dos resultados a serem alcançados.

O termo *inquérito* é utilizado pelo Comitê do Projeto ALib desde o início das pesquisas, na verdade, esse termo corrente na obra de Silva Neto e Nascentes, é empregado pela grande maioria dos pesquisadores de Geolinguística. Entretanto, na Universidade de São Paulo, a Profa. Irenilde Pererira dos Santos, considerando a natureza da interação subjacente à aplicação do questionário, substituiu-o por *entrevista* e denominou informante de *sujeito*. Este último pode ser visto no seguinte fragmento em que informa sobre a aplicação do questionário – “[...] a coleta induzida repousa em um instrumento preparado minuciosamente pela equipe de pesquisado-

res, a ser aplicado a todos os sujeitos.” (SANTOS, 2009, p. 183). A partir de então, o termo *sujeito* foi usado não apenas na disciplina “Tópicos de Dialetoologia e Geolinguística I”, sob responsabilidade de Profa. Irenilde, como continua a ser usado no âmbito no GPDG/USP, em trabalhos apresentados e em artigos publicados.

Acredita-se que durante a entrevista o que emerge são respostas oriundas da interação entre os sujeitos, e estes são ativos nesse momento, contribuindo para a composição do léxico de uma comunidade de fala, como afirmam Soares e Cavalcante (2012, p. 53): “Em toda atividade social há produção de sentidos, porque ao sujeito é cobrado o ato de compreender, argumentar, avaliar e agir de modo que exerça sua função social e ideológica.”

Sabe-se que outros fatores deveriam ser considerados, tais como os aspectos históricos, sociais, culturais, demográficos e a extensão da área de cada município. E foi justamente esses dois últimos fatores que mais nos instigaram a refletir sobre a determinação dos pontos e sobre a seleção dos sujeitos, pois os aspectos demográficos dos cinco municípios diferem muito em suas proporções.

A pesquisa foi composta por uma rede de seis pontos, conforme representado junto com as siglas expostas no quadro 1, para indicar o ponto/localidade em cada município.

Quadro 1: Delimitação da rede de pontos

PONTOS	SIGLAS
Guarulhos Zona Urbana	GRS-ZU
Guarulhos Zona Rural	GRS-ZR
Arujá	ARJ
Santa Isabel	SI
Nazaré Paulista	NP
Mairiporã	MAI

Fonte: SOARES,2012

Postulou-se que o número de sujeitos que foi entrevistado demonstrou a variedade linguística dos municípios. Outras variáveis sociais também foram consideradas para determinar o perfil dos sujeitos, tais como gênero, faixa etária e escolaridade. Blom e Gumperz (*in*: RIBEIRO; GARCEZ, 2002, p. 61), relatam que é muito importante que o sujeito seja da comunidade objeto da pesquisa:

Uma vez que diferentes significados sociais associados ao dialeto são regulares e persistentes, eles devem, de alguma forma, ser reforçados pelo padrão dos laços sociais. Essa relação pode ser mais bem descrita se consideramos o sistema socioecológico que dá base à comunidade. Há uma correlação entre a origem regional de uma pessoa, seu grupo de referência e o nicho que ela ocupa nesse sistema.

Para o atlas, selecionou-se sujeitos da primeira (18 a 30 anos) e a última (50 a 65 anos) faixas etárias, dentre as quatro determinadas pelo Projeto ALiB. Acreditou-se que com esse recorte em duas faixas etárias, distantes no que concerne ao tempo de vida dos sujeitos, poderia ter uma amostragem qualitativa da variação léxica da região.

Para continuar estabelecendo o perfil dos sujeitos, procurou-se seguir as variáveis sociais previstas no Projeto ALiB e adequá-las às características encontradas na descrição populacional dos sujeitos da região. Cada sujeito deveria ter nascido no município ou habitá-lo há pelo menos dois terços da vida e ser filho de pais nascidos ou moradores no município, preferencialmente.

Para a pesquisa, foram consideradas as variáveis sociais diagenérica e diageracional, ou seja, foram entrevistados sujeitos de ambos os gêneros, um homem e uma mulher, e, em cada ponto/localidade, a pesquisa foi desenvolvida com sujeitos de ambas faixas etárias.

Os resultados, as respostas dos sujeitos para cada uma das 232 questões foram apresentadas em gráficos tabelas e cartogramas. A adoção do termo cartograma, deve-se ao fato de acreditar-se que esse tipo de representação está associado mais às informações que serão mostradas,

do que aos limites precisos de coordenadas geográficas (SANCHEZ *apud* CRISTIANINI, 2007).

Como mencionado, o termo sujeito será utilizado sempre que se referir àqueles que estarão envolvidos no processo de interação comunicativa durante as entrevistas. E para a clareza e reconhecimento desses sujeitos e de suas funções sociais, distinguir-se-á em *sujeito-entrevistador* e *sujeito-entrevistado*, não obstante aos termos até o momento utilizados pelos pesquisadores geolinguísticos, a distinção é fruto de reflexão apresentada por Soares em 2009¹, diante do fato de que o contexto influencia no uso linguístico do sujeito, pois este se encontra numa situação comunicativa específica.

Soares (2009) afirma que “Cada um desses sujeitos – o entrevistado e o entrevistador – exerce uma função social específica, portanto com papéis discursivos determinados”. Logo, o gênero entrevista tal como outros gêneros, abarca características linguísticas e sociais próprias, determinando uma função aos sujeitos que dele participam e interagem. Recorremos à Koch (1998, p.110) para ratificar essa explicação sobre o porquê da escolha de identificar esses sujeitos como sujeito-entrevistado e sujeito-entrevistador, segue: “É preciso pensar a linguagem humana como lugar de interação, de **constituição das identidades, de representação de papéis**², de negociação de sentidos.” Como é possível observar, no momento da comunicação, os sujeitos constituem sua identidade e representam papéis. Esses elementos são próprios do processo de interação.

Nos itens lexicais que foram as respostas ao Questionário Semântico Lexical - QSL, os sujeitos que os proferiram estavam numa condição social específica, eles eram os “sujeitos-entrevistados” dos quais se esperavam respostas às questões feitas pelo “sujeito-entrevistador”. Será uma situação comunicativa específica, num momento em que havia interação face a face. Esse momento sugere que os sujeitos façam ajustes ao contexto e à fala do

¹ In: A pesquisa Geolinguística e uma proposta de análise discursiva da lexia sovina. III Seminário Internacional de Linguística da Universidade Cruzeiro do Sul. Ago.2009.

² Grifo nosso.

outro, esses ajustes não são planejados, pois a espontaneidade é uma característica da fala, como afirma Koch (1998, p. 68): “[...] o texto falado emerge no próprio momento da interação: ele é seu próprio rascunho”.

Ainda assim, os sujeitos preservam sua história e expressam na língua suas crenças e valores, porque esses ajustes linguísticos refletem a influência social que os sujeitos sofreram ao longo de suas vidas. A autora ainda afirma que não se pode mais pensar a língua como “[...] um conjunto de enunciados virtuais cujo ‘significado’ é determinado fora de qualquer contexto.” (KOCH, 1998, p. 68).

Então, no momento de coleta de dados, o sujeito-entrevistador encontra-se sobredeterminado, numa função específica e própria do gênero: aquele que faz as perguntas; enquanto o sujeito-entrevistado também exerce uma função determinada: aquele que responde às questões. Tem-se a descrição de uma relação simétrica entre ambos, ou seja, há um equilíbrio, assinalando que a interação será mediada por uma semi-espontaneidade. Todavia, essa descrição não é completa e, por vezes, redutora, pois os sujeitos envolvidos no processo de interação comunicativa apresentam mais do que itens lexicais como respostas para as perguntas, eles demonstram sua formação sócio-histórica, na qual a subjetividade de ambos emerge e se interrelaciona em meio à interação.

O sujeito-entrevistador, nessa relação intersubjetiva, registra não só a escolha do item lexical do sujeito-entrevistado, mas toda a experiência, as crenças, os valores sociais e históricos abarcados por ele no seio de uma comunidade de fala, no momento da entrevista, como nos relata Santos (2012, p. 40-41),

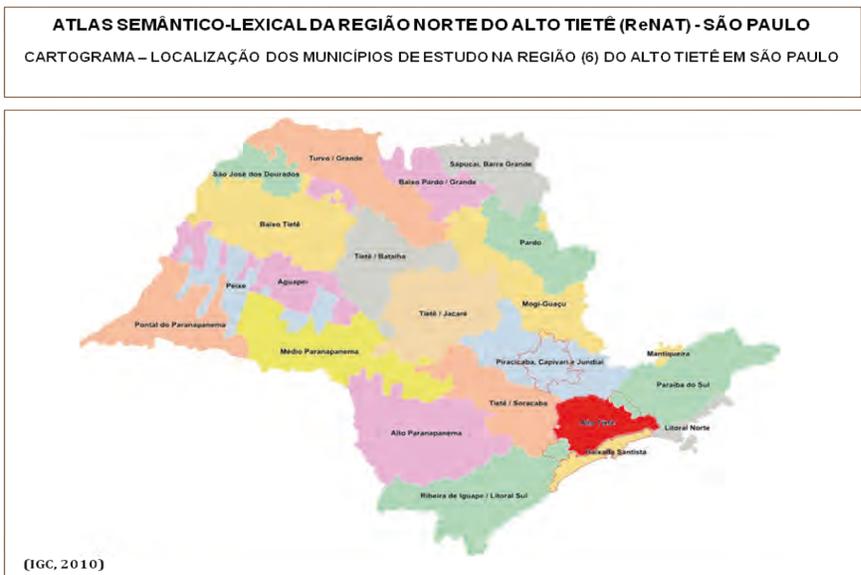
[...] a entrevista revela não apenas a opção lexical de sujeitos-entrevistados do ponto de vista diatópico, como deixa entrever elementos do contexto sócio-histórico. Assim, ao lado da variação diatópica, a entrevista desvela elementos da relação intersubjetiva.

Os itens lexicais revelam modos de ser e agir desse sujeito-entrevistado como membro social e histórico da comunidade a qual

pertence. Para Coseriu (1980, p. 91), “[...] a linguagem se apresenta sempre como historicamente determinada como língua (italiano, português, francês, alemão etc); não há falar que não seja falar uma língua.”

As cinco cidades/pontos pertencem à RMSP, são localidades muito populosas do estado de São Paulo. A coleta de informações para o atlas foi feita in loco, a pesquisadora ouviu e registrou o falar apresentado nas respostas, denotando a realidade linguística dos sujeitos dos municípios. A seguir, a imagem com a localização da RMSP, região onde se localizam os cinco municípios.

Cartograma 1: RMSP

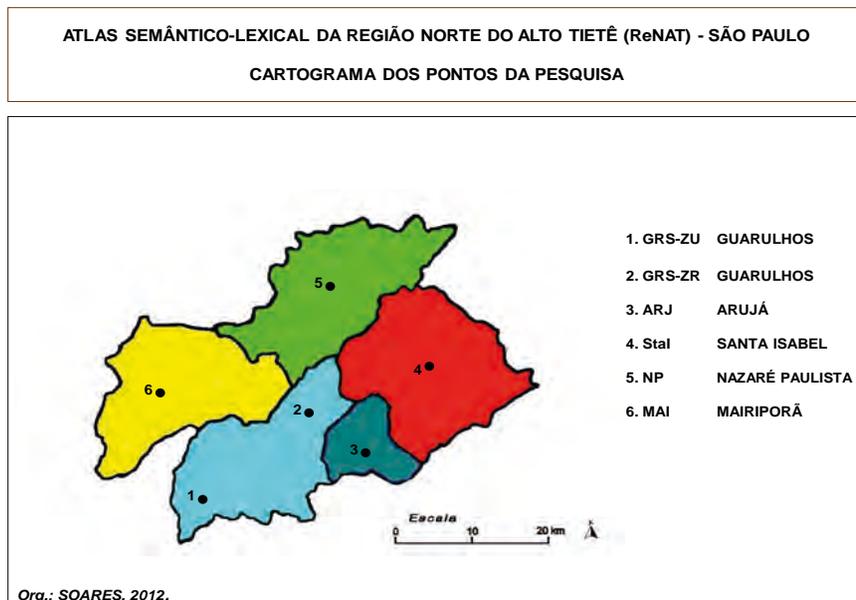


Fonte: IGC, 2010

A área marcada em vermelho representa a RMSP, na qual há 37 municípios mais a capital paulista.

Os cinco municípios e os seis pontos são: Arujá, Mairiporã, Nazaré Paulista e Santa Isabel os quais compuseram um ponto/localidade, e o município de Guarulhos com dois pontos/localidades conforme pode ser observado no cartograma 2.

Cartograma 2: Os cinco municípios, com os seis pontos.



Fonte: SOARES, 2012

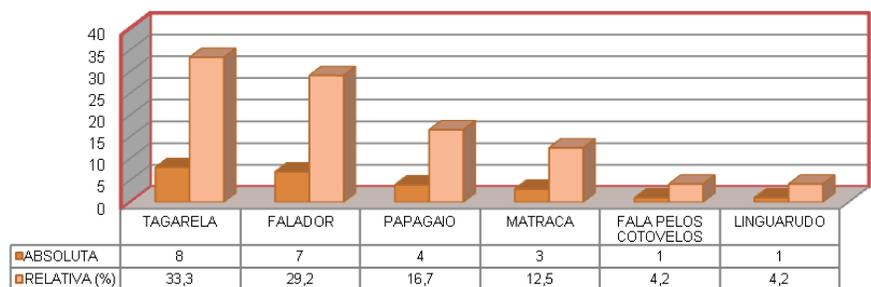
4. ANÁLISE: OS ITENS LEXICAIS, A VARIAÇÃO E O ENSINO

Nesse texto, foi abordado somente os itens lexicais, são as respostas de uma das 232 questões aplicadas aos sujeitos-entrevistados do Atlas Semântico-Lexical da Região Norte do Alto Tietê (ReNAT)-São Paulo (2012), a questão selecionada foi a de número 136 do QSL: “... A pessoa que fala demais? ”.

A seguir, o gráfico no qual é possível observar o registro das respostas:

Gráfico 1: Frequência/questão 136 - TAGARELA

QUESTÃO 136: “... a pessoa que fala demais?”



Fonte: SOARES, 2012

Registrou-se seis respostas diferentes. Entre elas, as duas de maior incidência tiveram um número de ocorrências muito próximo e ambas não constituem norma da região devido ao índice de frequência relativa ser menor que 50%. Esses dois itens lexicais são: “tagarela” com oito ocorrências e 33,3% de frequência relativa, e “falador” com sete ocorrências e 29,2% de frequência relativa.

Outros quatro itens lexicais foram registrados: “papagaio” com quatro ocorrências, “matraca” com três ocorrências; “fala pelos cotovelos” e “linguarudo” com apenas uma ocorrência, como pode ser observado no gráfico.

A faixa etária 1 (18 a 30 anos) contribuiu para o resultado nessa questão, foram seis ocorrências para o item lexical “tagarela” nessa faixa etária e somente duas ocorrências na faixa etária 2 (50 a 60) anos. Entretanto, no ponto ARJ, esse item lexical não foi mencionado.

No quadro 2, pode-se observar a origem, localidade, de cada resposta e, ainda, identificar a faixa etária e o gênero dos sujeitos-entrevistados:

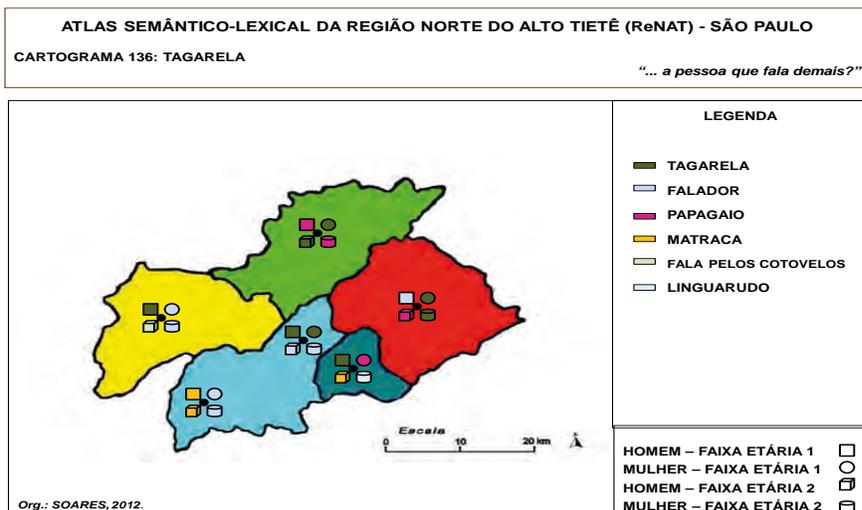
Quadro 2: Itens lexicais, respostas à questão 136 do QSL

PONTOS	S.M.F.E.1	S.F.F.E.1	S.M.F.E.2	S.F.F.E.2	2 ^a RESPOSTA
GUARULHOS 1	MATRACA	FALADEIRA	MATRACA	FALADEIRA	S.M.F.E.1 BOCA ABERTA, FOFOQUEIRA
GUARULHOS 2	TAGARELA	TAGARELA	FALADOR	FALADEIRA	
ARUJA 3	TAGARELA	PAPAGAIO	MATRACA	LINGUARUDA	S.F.F.E.1 TAGARELA
SANTA ISABEL 4	FALADEIRA	TAGARELA	PAPAGAIO	TAGARELA	
NAZARÉ PAULISTA 5	PAPAGAIO	TAGARELA	TAGARELA	PAPAGAIO	S.F.F.E.2 MARITACA
MAIRIPORÃ 6	TAGARELA	FALADEIRA	FALA PELOS COTOVELOS	FALADEIRA	

Fonte: SOARES, 2012

Conforme mencionado, para cada questão foi elaborado um cartograma, a seguir o cartograma 3 referente à questão 136:

Cartograma 3: Questão 136 do Atlas ReNAT.



Fonte: SOARES, 2012

Dada a diversidade das respostas a uma única questão, buscou-se o significado no Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara (2015), os significados estão no quadro 3:

Quadro 3: Itens lexicais e os significados

ITEM LEXICAL	SIGNIFICADO
TAGARELA	- Que ou quem fala muito, quem faz fofoca ou é indiscreto. TAGARELAR – Falar em excesso, matraquear.
FALADOR	– Que fala muito. Que é indiscreto, maledicente.
PAPAGAIO	– Denominação de diversas aves (...) de plumagem verde, algumas com a capacidade de imitar a voz humana. Fig. Quem é tagarela.
MATRACA	– Instrumento de percussão próprio da Semana Santa. Fig. Quem fala sem parar. MATRAQUEAR – Tocar matraca, tagarelar.
LINGUARUDO	– Que ou quem fala demais ou é mexeriqueiro. (MEXERIQUEIRO – Que ou quem gosta de fazer mexericos, fofoqueiro.
FALA PELOS COTOVELOS	Não há aceção no dicionário

Fonte: Quadro elaborado pela autora

É possível observar que os cinco itens lexicais mencionados pelos sujeitos-entrevistados como primeira resposta conduzem ao mesmo significado. Temos ainda uma expressão que, no dicionário citado, não há a aceção.

As respostas conduzem ao diverso universo das variações lexicais, pois para uma pergunta, foram seis respostas e, ao consultar um dicionário, identificou-se o mesmo significado e uso.

Quanto à estrutura, a forma como a questão foi construída, é importante ressaltar que conduz o sujeito a uma possível resposta, pois o advérbio de intensidade sugere isso: "... a pessoa que fala demais?"

A – fala muito – quantidade

B – fala o que não é adequado, necessário, verdadeiro – qualidade

Acredita-se que existe um fator para a ocorrência da diversidade linguística nas respostas aos questionários, pois de acordo com a metodologia utilizada para as entrevistas, os sujeitos-entrevistados são questionados individualmente. Portanto cada um responde a questão num momento e numa situação específica.

Os contextos são diferentes, além disso, cada sujeito ao expressar sua resposta manifesta seu conhecimento e este está associado à sua história e seus valores. Sabe-se que as variações nos Atlas Linguísticos emergem, em grande parte, da interação social e essa advém da linguagem, gerando um processo constitutivo de sentidos.

A significação é o resultado de diversos fatores internos, que estão ligados ao sistema linguístico, mas o **valor semântico** integral do signo só pode ser compreendido devido a fatores externos ao próprio sistema.

A diversidade linguística e a heterogeneidade na linguagem marcam os itens lexicais registrados no atlas e, os itens lexicais expostos nesse texto mostram que os sujeitos recorrem a uma memória discursiva, que faz parte do interdiscurso. Segundo Koch (1982, p.111): "A própria individualidade de uma língua, dentro dum conjunto de falares afins, chega

desse modo a ser definida segundo os diferentes momentos de equilíbrio na tensão entre inovação e conservação...”

As palavras, os sujeitos e os sentidos estão a serviço da comunicação e carregam historicidade, segundo Eni Orlandi (2005, p.12):

[...] as palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos [...] No funcionamento da linguagem, que põe em relação os sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e da produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação, de subjetivação, de construção da realidade [...] o discurso é efeito de sentido entre interlocutores.

As condições de produção do discurso, nesse caso o momento da entrevista, compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a **memória** faz parte da produção do discurso.

Nesse ponto, deve-se esclarecer que as condições de produção de um discurso se faz em sentido estrito, que são as circunstâncias da enunciação ou o contexto; e em sentido amplo, que se refere às condições de produção que incluem o contexto sócio histórico, ideológico dos sujeitos.

As diversas atualizações discursivas no que se refere aos significados só ocorrem porque fazem parte da memória lexical do falante (POTTIER, 1975, p. 27). Quanto à relação entre léxico e o discurso, Nunes (2001, p. 152) define que a descrição linguística da palavra é um fato social, como é possível ler em:

O fato lexical é um fato social e, assim sendo, está sujeito às forças sociais, que permeiam as relações entre os sujeitos. Na articulação com o discurso, a descrição linguística atenta para esse fato, levando em consideração que as mesmas palavras podem ter sentidos diferentes, conforme as posições sustentadas pelos sujeitos.

Ainda na perspectiva discursiva, Nunes (2006, p. 156), afirma que “...a abordagem do campo lexical pressupõe a existência da polissemia, das contradições, das ambiguidades, dos efeitos de sustentação e de silenciamento, enfim, de tudo aquilo que caracteriza o campo lexical como uma série de fatos sociais.”; corroborando para o pressuposto de que as respostas dos sujeitos-entrevistados não são itens lexicais isolados, mas contextualizados na e pela linguagem e história desses.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que a palavra descontextualizada não tem significado: é sua relação com o que lhe exterior que permite ao homem reconhecer, identificar e utilizá-la em **contextos** diversos (CHARAUDEAU, 2014).

A linguagem é orientada pela visão do mundo, expressa emoções, ideias, propósitos, desejos norteados pela realidade social, histórica e cultural do sujeito (SANTOS, 2012). Esse sujeito faz escolhas que, segundo ele e o momento de produção discursiva, são mais apropriados, o que demonstra que não há neutralidade nas respostas e/ou itens lexicais (SOARES, 2012).

Essas palavras refletem a história dos sujeitos, seus valores e suas crenças confirmando que para a expressão da linguagem são exigidos fatores internos e estes estão associados a fatores externos à linguagem.

No espaço físico (variação diatópica) há, portanto, sujeitos que exercem uma atividade discursiva. Esses sujeitos estão inseridos numa comunidade linguística (variação social) e produzem discursos que refletem sentimentos, crenças e valores relacionados num dito sócio-histórico, caracterizando-se num saber-dizer-fazer discursivo. Cada comunidade comporta características e especificidades linguísticas, denotando a identidade histórica e cultural dos sujeitos que se desenvolve, sobretudo nos momentos de interação.

Conhecer e reconhecer a variedade linguística de uma comunidade de fala poderá auxiliar no processo de ensino-aprendizagem de uma língua, pois se o ensino de Língua Portuguesa não for associado a esse contexto tende a se afastar da realidade linguística dos discentes, causando-lhes o desinteresse por aprender.

É oportuno retomar a afirmação feita na Introdução desse texto: *Os sujeitos de uma comunidade linguística precisam dominar a linguagem para ter uma participação ativa na sociedade.*

Essa afirmação é explicitada nos PCN, documento de referência em discussões curriculares, revisão e elaboração de propostas didáticas para o ensino. Além disso, como objetivo primeiro, os PCN preveem a formação do cidadão. Entende-se que ser cidadão é ter condições de participar social e politicamente, exercendo direitos e deveres, adotando atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito.

Diante disso, espera-se que o indivíduo se reconheça capaz de posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais. É no conhecimento e no respeito à diversidade cultural e linguística que se abriga o segredo para o desenvolvimento de habilidades necessárias para que o indivíduo possa, realmente, desempenhar de maneira plena sua cidadania.

Ao falar-se em diversidade, é importante destacar que há uma multiplicidade de facetas a serem consideradas, mas é na Linguística que se busca a identidade de cada indivíduo, comunidade, grupo social. É nesse conjunto de condições de uso da língua, que envolve, simultaneamente, o comportamento linguístico e o social, que se pode refletir sobre as variações linguísticas de uma dada língua.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. Atlas linguístico do Paraná: gênese e princípios metodológicos. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: EDUEL, 2005. p. 137-176.
- BECHARA, Evanildo. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011
- BLOM, Jan-Petter.; GUMPERZ, John. J. *O significado social na estrutura linguística alternância de códigos na Noruega*. In: RIBEIRO, Branca. T; GARCEZ, Pedro. M (Org.) *Socilinguística Interacional*. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 13-20.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Trad. Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2014.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. *Atlas linguístico do Brasil: Questionários*. Londrina: Editora da UEL, 2001.
- COSERIU, Eugeniu. *Lições de Linguística Geral*. Trad. Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- CRISTIANINI, Adriana Cristina. *Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC*. São Paulo, 2007, 3v. (Tese de Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) FFLCH – USP.
- DIJK, Teun A. Van. *Discurso e Contexto. Uma abordagem sociocognitiva*. Trad. De Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.
- IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Cidades: Arujá, Guarulhos, Itaquaquecetuba, Mairiporã, Santa Isabel, Nazaré Paulista*. 2002. Disponível em: <www.ibge.org.br>. Acessos em: fev. mar. abr. 2009; ago. set. 2010.
- IGC – Instituto Geográfico e Cartográfico de São Paulo. *Quadro do desmembramento territorial administrativo dos municípios paulistas*. São Paulo: IGC, 1998, p. 64-70.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e Linguagem*. 10 ed. São Paulo: Cortez, 1982.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1998 (Coleção Repensando a Língua).

LAGARES, Xoán Carlos; BAGNO, Marcos. (Org.) *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2011.

LARA, Gláucia Muniz; MACHADO, Ida Lúcia; EMEDIATO, Wander (Org.). *Análises do Discurso Hoje*. Volume 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MULLER, Charles. *Principes et méthodes de statistique lexicale*. Paris: Hachette, 1977.

NASCENTES, Antenor. *O Linguajar Carioca*. 2 ed. Rio de Janeiro: Edição da Organização Simões, 1953.

NUNES, José Horta. *Lexicologia e Lexicografia*. In: GUIMARÃES, Eduardo; ZOPPI-FONTANA, Mónica (Org.). *Introdução às ciências da linguagem: a palavra e a frase*. Campinas: Pontes, 2006, p. 147-165.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. 6ed. Campinas: Pontes, 2005.

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Secretaria de Educação. MEC. Brasília, 1996. Disponível em: <https://cptstatic.s3.amazonaws.com/pdf/cpt/pcn/volume-02-lingua-portuguesa.pdf>. Acesso em: fev. 2021.

PEDRO, Emília Ribeiro. *Análise Crítica do Discurso. Uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Portugal: Editorial Caminho S.A. 1997.

POTTIER, Bernard. *Estruturas Linguísticas do Português*. 3 ed. Trad. Albert Audubert, Cidmar Teodoro Pais. Rio de Janeiro: Difel, 1975.

SANTOS, Irenilde Pereira dos; CRISTIANINI, Adriana Cristina. (Org.) *Sociogeolinguística em questão: reflexões e análises*. São Paulo: Ed. Paulistana, 2012.

SANTOS, Irenilde Pereira dos. A variação lexical em atlas linguísticos paulistas: considerações em torno de “chuva”. In: *SILEL*. Uberlândia, 2011. *Anais...* CD Rom. Uberlândia: UFU, 2011a. v2.

SANTOS, Irenilde Pereira dos. Geolinguística, Análise do Discurso e Semântica interpretativa: diálogo possível. In: *Seminário Internacional de Linguística: Gênero e Memória*. IV, São Paulo, 2001. *Anais...* CD Rom. São Paulo: Terracota, 2011b. p. 529-545.

SANTOS, Irenilde Pereira dos. Discurso e espaço: reflexões. In: ANDRADE, Carlos Augusto Baptista de. *Texto, discurso e suas práticas*. São Paulo: Terracota, 2009a, p. 49-60.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. (Coleção Milton Santos, 1).

SILVA NETO, Serafim da. *Guia para Estudos Dialectológicos*. Florianópolis: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1955.

SOARES, Rita de Cássia da Silva; CAVALCANTE, Marcelo Cesar. Variação linguística e interação discursiva: um encontro possível. In: SANTOS, Irenilde Pereira dos; CRISTIANINI, Adriana Cristina. (Org.) *Sociogeolinguística em questão: reflexões e análises*. São Paulo: Ed. Paulistana, 2012.

SOARES, Rita de Cássia da Silva. Atlas Semântico-Lexical da Região Norte do Alto Tietê (ReNAT) – São Paulo. São Paulo, 2012, 3v. (Tese de Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) FFLCH – USP.

SOARES, Rita de Cássia da Silva. *Manifestações da variação diatópica na Vila de Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos: enfoque semântico-lexical*. In.: Documentos para el XVI Congreso Internacional de la ALFAL, Madri, jun. 2011.

SOARES, Rita de Cássia da Silva. *A pesquisa Geolinguística e uma proposta de análise discursiva da lexia sovina*. In: III Seminário Internacional de Linguística da Universidade Cruzeiro do Sul. São Paulo, ago. 2009. *Anais...* CD Rom.



OS AUTORES

Abdelhak Razky é Professor Titular da UnB. Possui Doutorado em Linguística pelo Université de Toulouse Le Mirail, França, Pós doutorado na Univ. de Toulouse Le-Mirail e na Univ. de Paris 13.

Adriana Cristina Cristianini é docente da Univ. Fed. de Uberlândia., Doutora pela USP e Pós-doutora pela Universidade de São Paulo e pela Universidade de Lisboa.

Clézio Roberto Gonçalves é docente na Universidade Federal de Ouro Preto. Possui doutorado em Linguística pela USP, e pós-doutorado em Língua e Cultura pela UFBA.

Diego Coimbra dos Santos é docente externo pela UFPA e Diretor Acadêmico-Pedagógico no Projeto do Governo do Estado “Forma Pará” pela SECTET. Mestre em Linguística pela UFPA.

Eduardo Nakama é graduado em Engenharia Eletrônica pelo ITA e em Letras-Japonês pela UnB. É servidor público do Ministério da Economia.

Geanne Alves de Abreu Morato é professora de Língua Japonesa e supervisora pedagógica do CIL de Sobradinho. É mestranda em Linguística Aplicada na UnB.

Hélder Gomes Rodrigues é professor de Língua Espanhola e atualmente é diretor do CIL Sobradinho. É mestre em Linguística Aplicada pela UnB.

Irenilde Pereira dos Santos é docente do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP. Livre-Docente em Linguística pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

Josane Moreira De Oliveira é docente da Universidade Estadual de Feira de Santana. É Doutora em Letras Vernáculas pela UFRJ e pós-doutora em Língua e Cultura pela UFBA.

Kazue Saito M. Barros é Professora titular da UFPE, atua na Pós-graduação em Letras e Linguística. É PhD em Language and Linguistics pela University Essex, UK.

Kyoko Sekino é professora do curso de Letras Japonês do Instituto de Letras da UnB. É doutora em Linguística Aplicada pela UFMG, especializando-se no Estudo da Tradução.

Marcus Tanaka de Lira é professor adjunto do curso de Letras-Japonês da UnB. É Doutor em Linguística pela UnB.

Ricardo Rios Barreto Filho é professor adjunto do Departamento de Letras da UFPE, na área de Ensino da Língua Inglesa. Possui doutorado em Linguística pela UFPE.

Selma Sueli Santos Guimarães é professora do Ensino Básico Técnico e Tecnológico da Escola de Educação Básica da UFU. É doutora em Linguística pela USP.

Yuki Mukai é Professor Associado do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) da UnB. É Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas.



Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

DIÁLOGO LINGUÍSTICO

Ocidente e Oriente

O diálogo pode ser caracterizado como uma atividade humana que tem sua origem na interação humana nos vários grupos sociais que compõem a sociedade. Nesse sentido, é no espaço que, por meio da linguagem, brotam, circulam e se disseminam ideias.

O Diálogo Linguístico: Ocidente e Oriente é um livro que reúne textos escritos por pesquisadores que atuam também no ensino, do fundamental até o nível superior. Os capítulos reunidos são frutos de pesquisas aprofundadas sobre diversos aspectos de nossa língua (ocidente) e da língua japonesa (oriente).

O livro demonstra que as áreas de conhecimentos empíricos e teóricos sobre a linguagem podem se entrelaçar e ampliar os estudos com múltiplos olhares. Os novos consensos surgem, quando as “vozes”, em português e em japonês, orientam e direcionam na busca de novos paradigmas, construindo o saber e o fazer científicos.

A Comissão Organizadora agradece a todos os autores que nos confiaram os seus textos para a publicação.

Agradecemos ao Instituto de Letras e ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução pelo apoio e financiamento dessa obra no ano em que a presença da Língua Japonesa na UnB comemora quarenta anos. São quatro décadas de estudos profícuos sobre a língua japonesa os quais foram iniciados e sempre incentivados pela Profa. Dra. Alice Tamie Joko, posteriormente fundadora do curso de Licenciatura em Letras-Japonês, no ano de 1997.

ISBN 978-65-5846-143-2



9 786558 461432



Obra financiada pelo departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LETJ), do Instituto de Letras, por meio do edital IL/EDU 1º/2021.